

ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa

Catarina

Brasil

Bomfim de Mello, Rebeca

A Influência da Música no Processo de Criação do Designer de Moda

ModaPalavra e-periódico, núm. 6, julio-diciembre, 2010, pp. 136-153

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051717010>

A Influência da Música no Processo de Criação do Designer de Moda¹

The Influence of Music in the Fashion Designer's Creating Process

Rebeca Bomfim de Mello

Bacharel em Design de Moda

rebecabomfim@ig.com.br

Resumo

Tendo em vista as reflexões realizadas no campo da criatividade e da música e visando um resultado positivo na área do design de moda, este trabalho de pesquisa objetiva agregar informações e práticas criativas associadas à música. Desta forma, seu estudo compreende em analisar a influência que a mesma exerce no processo de criação em atividades desenvolvidas na sala de aula. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo com alunos do curso de graduação em design de moda, onde a música foi utilizada como estímulo a atividades em aula. O resultado encontrado foi uma resposta positiva ao estímulo musical pela maioria dos participantes. Dessa forma, pelo presente estudo conclui-se que a música pode e deve ser usada com estímulo a criatividade.

Palavras-chave: Criatividade, Música, Design de moda.

Abstract

In view of the considerations made in the field of creativity and music and to a positive result in the fashion design, this research aims to aggregate information and practices associated with creative and music. Thus, the study includes a review of the music influence in the process of creating in the classroom. For this was made a field research with graduate students in the course of design, where the music was used as a stimulus for activities in class. The result found was a positive response to musical stimuli by most participants. Thus, this study concludes that the music can and should be used to stimulate the creativity.

Key-words: Creativity, Music, Fashion Design.

¹ Extraído da monografia apresentada como requisito de graduação do curso bacharelado em design de moda da Faculdade da Cidade do Salvador, sob orientação do professor Edvaldo Melquiades Júnior.

Introdução

Pesquisas mostram que os sons da natureza sempre encantaram e influenciaram profundamente o ser humano desde os tempos mais remotos. Hoje, sabe-se que a música possui grande valor no tratamento de doenças, através da terapia musical, também conhecida por Musicoterapia, ou sobre a relação entre música e transformações do humor. Entretanto, sua relação com o processo de criação e métodos de estímulo da mesma, torna-se uma área pouco explorada e com raríssimos escritos e referências encontradas.

Outra observação importante se faz ao perceber que grande parte dos profissionais que dependem da criatividade para execução de seu trabalho buscam o silêncio como forma facilitadora da produção criativa. Outros, por sua vez, têm costume de criar em locais inusitados. Entretanto, na área do design de moda é mais frequente o uso da música como fonte de pesquisa no desenvolvimento de seus trabalhos. Todavia, o seu uso como instrumento que anteceda essa pesquisa, é algo que ainda é pouco explorado entre os profissionais desta área.

Desta forma, fazendo uso do conhecimento adquirido ao longo da pesquisa bibliográfica e de campo, foi possível verificar através de análises quantitativas e qualitativas o resultado obtido sobre a influência que a música exerceu nos pesquisados.

Conceituando música: efeitos e sensações

O conceito de música, para alguns musicólogos, é caracterizado por uma sucessão de sons organizados, embora para alguns outros não exista uma definição exata do que ela é. Entretanto, há uma unanimidade quanto à inevitável existência do som. Moraes afirma que John Cage² considerou em termos absolutos que não existe silêncio na biosfera. Ao trancar-se em uma sala à prova de som, ele ainda conseguiu ouvir os sons produzidos por sua respiração, pela circulação do seu sangue e o funcionamento do seu sistema nervoso. Para ele, o silêncio tornou-se um novo portador de informações, gerador de novos e insuspeitados significados. E dessa maneira concluiu que o silêncio também é música (MORAES, 1983, pg.81).

Na pré-história considerava-se a música como um ato instintivo e impulsivo do homem. Ao perceber os sons que o cercava, o homem pré-histórico detectou a necessidade de

² John Cage foi um compositor musical e escritor norte-americano. É o compositor da peça 4'33''. Composta em 1952, a peça consiste em 4 minutos e 33 segundos de música sem uma nota sequer.

saber identificar os timbres³ das vozes dos animais selvagens, da tempestade que se aproximava, do rio que corria, além de observar a diferença do seu próprio timbre vocal em relação ao próximo (JOURDAIN, 1998).

A partir disso, supõe-se que a música represente uma linguagem, no sentido amplo de comunicação, pois ao fazer uma leitura visual da arte rupestre encontrada em cavernas, nos deparamos com possíveis representações de homens e mulheres que aparentam dançar, tocar instrumentos musicais e cantar. Ou seja, a música, a dança e o canto eram ferramentas utilizadas como meio de manifestar seus sentimentos.

Era comum que para o homem da pré-história tudo fosse música, praticamente todas as suas descobertas vieram acompanhadas do som, e considerando que até nos dias de hoje, para alguns estudiosos tudo pode ser música, comprehende-se a afirmação de Moraes quando diz que,

Tudo pode ser música: o movimento mudo das constelações em contínua expansão, a escola que passa sambando, um jogo, o pulsar cadenciado do coração, seu ou alheio, um rito, um grito, o canto coletivo que dá mais força ao trabalho. E mais: uma confissão sincera ou não, uma viagem, uma aventura; o lazer e o fazer. E ainda: conversas, o estar atento àquele que domina o seu instrumento, o misturar-se às ondas do mar ou a multidão reunida na praça, o tentar compreender uma construção, um imaginar num átimo a agitação dos átomos. Isso tudo também pode ser música... Pois música é, antes de mais nada, movimento (MORAES, 1983, p.7).

A música foi um instrumento de grande importância no desenvolvimento da percepção auditiva entre os homens das primeiras civilizações e também era utilizada como linguagem corporal, visual e principalmente como meio de comunicação. É notável que, na medida em que o homem construía a sua história, as descobertas e avanços musicais o acompanhavam formando um elo importante entre os dois.

Hoje, não muito diferente do passado, verifica-se as mesmas influências comportamentais geradas por algum determinado estilo musical que é respondido em forma de aceitação ou rejeição à cultura. Esse tipo de exemplo pode ser visto ao observar que em algumas décadas, como as de 60 e 70, os jovens brasileiros utilizaram a música como forma de protesto contra a dependência cultural e a influência estrangeira⁴ (MOUTINHO; VALENÇA, 2005, pg. 225).

³ Trata-se do som característico de um instrumento ou voz. O timbre varia segundo os percentuais de início e queda dos sons harmônicos e suas intensidades relativas, conforme referências apresentadas em Música, Cérebro e Êxtase, 1998, pg.425.

⁴ A influência estrangeira foi um dos motivos que levou os brasileiros a protestarem. E isso se tornou possível através do movimento musical que aconteceu no final da década de 1960 e ficou conhecido como *tropicalismo*.

Ou seja, as tendências musicais, incluindo as que eram usadas como protesto ao sistema cultural vigente sempre foram fortes formadoras de opiniões, e comportamentos do homem. Assim, a música é um instrumento porta voz de suas dores, alegrias, angústias, revolta, entre outras sensações. Música como meio de comunicação. Algo como ouvir, ver, viver: “ouviver a música”, na expressão compactada do poeta e teórico da informação Décio Pignatari. (MORAES, 1983, pg.8). Dessa forma, ultrapassa-se o que se convencionou chamar de música pelo simples hábito de aceitar o som como seu único significado, dando um novo sentido a esse universo de sentimentos, linguagens e comunicação.

Parece difícil de conceber que a música transborde o universo sentimental e comunicativo, passando também a exercer o papel da cura. Mas, para muitos estudiosos desse assunto, é comum compreender seu poder e a sua dimensão no que diz respeito à psique humana. Mesmo no tratamento médico, aliviando a dor, segundo relata Bontempo:

Utilizando apenas a musicoterapia, um dentista de Cambridge, Massachusetts, realizou centenas de obturações e outro tanto de extrações sem precisar recorrer a anestésicos. Existe ainda referências a cirurgias – inclusive do coração – e partos, cujo único anestésico foi a musicoterapia (BONTEMPO, 1992, pg. 10).

A música é uma forma direta de comunicação. Ela é capaz de traduzir - sem palavras - o sentimento e os desejos do homem. E essa sensibilidade aflorada, por exemplo, pode ser vista claramente em uma pessoa com deficiência auditiva. Ao observar um surdo dançar, imagina-se de que maneira isso pode ocorrer. Como isso acontece? Se uma pessoa que não tem estímulo auditivo e não consegue ouvir o ritmo musical, como pode dançar? Para compreender essas respostas, é importante retornar ao termo aplicado por Décio Pignatari: “Ouviver a música”, que nada mais é do que ouvir, ver e viver a música. Em outras palavras, sentir a música. Esse sentir se dá de maneira tão profunda que permite a um surdo “ouvir sensitivamente”⁵ e dançar.

Complementando a idéia de que é possível sentir a música sem a audição, observa-se que a própria música, por si só, possui o poder de estremecer uma estrutura transmissora de ondas sonoras. Esse tipo de exemplo pode ser visto em uma caixa de som. Ao atingir um volume muito alto, a mesma passa a pulsar, vibrando de forma ritmada e sincronizada com a música. Então, o que se considera uma vibração ritmada seria um dos mecanismos utilizados pelo homem incapaz de ouvir com os ouvidos, mas capaz de escutar com o corpo todo.

⁵ Segundo Ana Thais Machado, deficiente auditiva entrevistada para esta pesquisa, a música invade seu corpo como se estivesse entrando pela corrente sanguínea. A falta da audição passa a ser substituída pela sensibilidade aflorada de sua pele, seu corpo.

Imaginar a partir de suas pulsações, o seu ritmo e dançar. Como explica Marisa Pinheiro e Lazara Silva em seu artigo *No silêncio dos sons: música e surdez: construindo caminhos*:

É comum a indagação sobre a possibilidade dos surdos perceberem e sentirem as vibrações musicais. Há, relativamente, poucas pesquisas nesta área, mas a relação entre o surdo e a música se torna possível através das vibrações e dos recursos sensório-táteis. Ou seja, eles sentem a música através da pele e das suas vibrações. Ao explorar as potencialidades dos surdos na música, torna-se necessário reforçar e explorar as sensações que nascem de informações recebidas pelas vias não-auditivas, como as vibrações sentidas pelo corpo ou sensações advindas do tato, que servem de apoio no processo de percepção corporal e sonora deste grupo de pessoas (PINHEIRO e SILVA, 2007, pg. 171).

Esse tipo de análise, sem dúvida, exige muitas observações e estudos aprofundados sobre o assunto. Entretanto, o que se busca aqui é compreender que de diversas maneiras a música captura nossa imaginação, criando um elo do que é real e do que é imaginário na percepção que o homem tem do mundo. A partir disso, torna-se individual o processo de compreensão e interpretação de cada música, seja ela instrumental ou cantada. A música possui esse poder de transformar o ouvinte em um ser sensível e perceptivo, capaz de transportá-lo ao seu mundo interior.

Conversando com a criatividade

Tentar definir criatividade, que é objeto de estudo de vários pesquisadores e estudiosos, seria o mesmo que tentar compreender o porquê um determinado tipo de música é capaz de levar o homem a um estado de êxtase. É comum encontrar várias referências sobre o assunto, sobretudo com diversas possibilidades de respostas e linhas de pesquisas, mas nenhuma é suficientemente satisfatória quando se trata de sua definição.

Em seu livro *Manual de Métodos Creativos*, o autor alemão Joachim Sikora menciona que, num simpósio sobre criatividade, os cientistas ali presentes associaram a esse termo mais de quatrocentos significados diversos⁶ (ESTRADA, 1992, pg. 28). Entre algumas destas significações que buscam conceituar a criatividade, verifica-se diferentes formas de olhar o mesmo tema. Segundo Ostrower, que é escritora e artista plástica, “Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo” (OSTROWER, 2008, pg. 9). Na concepção de Snow, psicólogo norte-americano, “Criatividade não é uma lâmpada na cabeça, como muitos desenhos animados a representam. É uma conquista nascida de intenso estudo,

⁶ SIKORA, Joachim, *Manual de Metodos Creativos*, Buenos Aires, Ed. Kapelusz, 1979.

longa reflexão, persistência e interesse” (GUIMARÃES, 2008, pg. 5). No ponto de vista de Torre que é professor da universidade de Barcelona e estudioso da criatividade, observa-se a seguinte definição: “Criatividade é a decisão de fazer algo pessoal e valioso para satisfação própria e benefício das demais” (TORRE, 2005, pg. 13). E para Kneller: “Numerosas pessoas confundem criatividade e atributos como habilidades verbais, rapidez mental e senso de ordem, que são antes indicadores de criatividade do que ela mesma” (KNELLER, 1978, pg. 14).

Durante muito tempo acreditou-se que a criatividade estava restrita a pessoas fora dos padrões normais ou as que possuíam genialidade. Tais como, Da Vinci e Einstein. Era como se, somente quem fosse considerado diferente possuísse o dom de criar e produzir algo novo.

Essa visão deturpada que associa criatividade e insanidade mental começa a tomar novas formas a partir de notáveis teorias e avanços em descobertas sobre este assunto, sobretudo na tentativa de compreender melhor o comportamento humano. Hoje, observa-se que o termo criatividade é uma necessidade imposta à sobrevivência do homem. Ou seja, é possível compreender que o interesse humano pela criação surge justamente da necessidade de respostas aos questionamentos inerentes a sua existência. Ao criar o homem ordena o seu mundo interior e o mundo a sua volta.

O estímulo de criar, que em alguns casos pode ser considerado como transformação de algo já existente, faz parte da vida humana. Ainda que sem intenções, o homem vive a transformar e buscar novas formas de ver o mundo e isso pode ocorrer em qualquer gênero de atividade. “A mãe pode ser original, e, portanto criativa, na maneira pela qual cria os filhos – estimulando-lhes as perguntas, por exemplo, ou planejando suas festas” (KNELLER, 1978, pg. 26). Contudo, é óbvio que em algumas atividades existe mais campo para explorar a criatividade do que em outras.

No entanto, toda atividade criativa deve estar associada ao conhecimento. Ninguém cria algo se não tiver além da imaginação, uma boa base de conhecimento prévio em alguma área. Isso, desconsiderando a criatividade na infância, claro, onde não existem bloqueios e nem barreiras impostas pela sociedade. Torre considera que,

Temos que agregar a imaginação à capacitação ou preparação em determinado âmbito. O técnico, o literato, o pintor e o compositor têm que dominar os canais ou códigos específicos. Somente assim poderemos chegar a um nível de produção que conduza ao êxito (TORRE, 2005, pg. 29).

Partindo deste princípio, verifica-se que, diferente da criança que naturalmente é criativa e exerce sua criatividade de forma espontânea, o adulto precisa de vontade e persistência na idéia iniciada. Estar preparado e ser conhecedor do que faz é fundamental. A sorte pode até ser aliada para uma pessoa capacitada e criativa, mas não terá grande serventia para quem não está preparado. Então, mais adiante, Torre conclui seu pensamento ao afirmar que,

Desconheço que Nobel possa dizer que conseguiu tal estágio sem esforço, sem que antes e depois levasse uma vida de entrega e dedicação à sua obra. Atribui-se a Beethoven a frase: o gênio se compõe de 2% de talento e 98% de perseverante aplicação. Talvez um tanto exagerado, mas sem dúvida reflete a primazia do hábito aprendido sobre o talento natural. E a música não é uma exceção com respeito à importância do esforço constante no desenvolvimento dos valores culturais (TORRE, 2005, pg.30).

Nenhum ato criativo está dissociado do conhecimento. A idéia criativa geralmente é fruto de constantes observações, curiosidades, perseveranças e capacidade de ver as coisas por ângulos inusitados. Estar de mente aberta e apta a aceitar os possíveis erros já é o primeiro passo. A criatividade não é um botão que acionamos e pronto, criamos. É preciso, antes de qualquer coisa, saber exercitar o cérebro. E isso só se faz possível a partir do momento que o homem se desprende dos costumes habituais. Ou seja, experimentar novas formas de trabalhar, novos caminhos a trilhar, novas músicas a ouvir, novas comidas a conhecer, entre outras mudanças. Segundo Estrada, “A ruptura de um hábito, de uma rotina de pensamento, é, muitas vezes, o princípio de uma criação” (ESTRADA, 1992, pg. 61).

Para ser uma pessoa criativa é necessário conhecer o desconhecido, experimentar novas coisas e buscar semelhanças entre os objetos. Inicialmente isso pode parecer pouco importante, mas saber enxergar “cabelo em ovo”, como diz o ditado popular, é imprescindível para o bom resultado da ação criativa. Todavia, isso não é uma atividade fácil, na medida em que o homem recebe constantemente informações pré-moldadas pela cultura que o obriga a agir mecanicamente modulado.

A realidade percebida pelo homem e que na verdade não passa de suposições impostas pela sociedade, acaba por tornarem-se indiscutíveis a ele mesmo e, são muitas vezes, inibidoras da criatividade. Talvez por esse motivo que o fenômeno de criar seja visto como algo extraordinário e possível apenas a poucas pessoas, enquanto na verdade, nada mais é do que se permitir enxergar com “olhos especiais”⁷ a vida.

É notável a importância da percepção do homem na atividade diária da vida, assim como é através dela que se torna possível enxergar além do que os olhos humanos podem ver. É com ela que se cultiva o interesse por aprender novas coisas, entender outras e transformar o mundo de forma criativa. E isso também levando em consideração o ambiente, o meio onde o indivíduo vive. Afinal, um ambiente aberto e livre de bloqueios, permite com que o sujeito não tenha medo de errar e ao mesmo tempo aprender com seus próprios erros. Esse pode ser considerado o caminho mais interessante a se chegar à ação criativa, se já não for em si a ação criativa.

Saber improvisar é outra característica importante da pessoa criativa. Quando existe a libertação da idéia preconcebida, o homem está sujeito a viver o momento presente, sem saber exatamente o que acontecerá nas próximas horas de sua existência. E isso o faz capaz de inventar, imaginar e se sentir mais próximo da criação.

Música: uma alternativa criativa no design de moda

Qualquer pessoa que pratique um determinado tipo de atividade, seja na moda ou em qualquer outra área, precisa se exercitar, treinar, experimentar novas técnicas e novos caminhos dentro do que faz. Afinal, aprendemos quando praticamos. Sobretudo porque imaginar um determinado projeto⁸ não é o mesmo que executá-lo. Sua realização dependerá de vários fatores reais e consideráveis ao seu sucesso. Disso, ninguém dúvida, embora alguns profissionais se deixem abater em virtude do esforço exigido e dificuldades que eventualmente surgem. Sem falar no potencial criativo que deve ser levado em consideração em cada sujeito, alguns tendem a ter uma sensibilidade criativa mais aflorada, desfrutando de inspirações constantes ao longo de um projeto, enquanto outros sofrem com dificuldades para criar.

O primeiro passo a ser considerado é a afinidade que o designer de moda deve ter com sua área de atuação. Howard Gardner já afirmava, “No começo, o mais importante para uma pessoa é sentir-se ligada emocionalmente a alguma coisa” (GOLLEMAN; KAUFMAN; RAY, 1992, pg. 27). E paralelo a isso, é necessário técnica e prática, mas sempre buscando

⁷ Aqui, traz-se o termo “olhos especiais” utilizado pelo cantor e compositor baiano Dorival Caymmi no seu documentário *Um Certo Dorival Caymmi*. Sábio, simples e talentoso, Caymmi buscou durante toda a sua vida enxergar com “olhos especiais” as coisas e transformá-las em música.

⁸ Aqui se considera “projeto” no sentido mais amplo do termo. Não apenas passando pelas suas fases necessárias, tais como: pesquisa, planejamento, execução, elaboração e realização. Trata-se da maneira diferenciada de olhá-lo, valorizando cada etapa de sua execução.

métodos e meios satisfatórios e criativos, capazes de tornar o processo mais significante do que o produto final. Ou seja, perceber que o real valor está no desenvolvimento e execução do projeto e não no produto em si, na medida em que, é através do processo construtivo de um projeto que se chega ao seu positivo ou negativo resultado. O processo é o produto em si. Por isso exige do profissional uma entrega completa, sempre em busca da criatividade. Segundo Nachmanovitch,

Uma das armadilhas no campo da criatividade é que não se pode expressar a inspiração sem técnica; mas, se estamos encerrados no profissionalismo da técnica, não conseguimos nos entregar ao ocasional, ao acidente, que é essencial à inspiração. Passamos a dar ênfase ao produto, em detrimento do processo (NACHMANOVITCH, 1993, pg. 110).

Considerando sua afirmação, de fato observa-se a necessidade de uma maior valorização do processo de criar, não apenas projetos, mas todos os meios de atividades exercidas pelos designers. E é nesse processo que a música está inserida, devendo atuar de forma complementar. Não como instrumento contemplativo de ocasiões, mas como mais uma ferramenta da potencialidade criativa, exercendo o papel de estimular idéias momentâneas ou futuras, estruturadas para alguma determinada atividade. Por exemplo, um designer de moda para criar uma coleção, necessita inicialmente de conhecimento prévio do tema proposto, de técnicas do vestuário ou de qualquer outra linha de segmento, e muita, mas muita criatividade. E é nesse contexto que a música deve estar inserida.

Muito longe de ser algo fácil, criar requer uma entrega total do indivíduo e de forma espontânea. E a música participa deste processo de maneira inconsciente, até mesmo porque ela está constantemente presente na vida humana, como já foi visto anteriormente. Desta forma, utilizá-la como exercício diário, com intuito de extrair seus benefícios, resultará em novas possibilidades criativas. Ouvi-la não apenas com os ouvidos, mas com o corpo todo⁹, contemplar cada instrumento participante, verificando pequenas, porém grandiosas junções instrumentais capazes de aguçar todos os sentidos humanos. A música tem muito a oferecer, mas cabe a cada um descobrir o que de melhor ela transmite. Nas palavras de Jourdain,

Muitas pessoas dizem que é apenas a beleza que os atrai para a música. Mas a grande música nos traz ainda mais. Proporcionando ao cérebro um meio ambiente artificial e forçando-o a atravessá-lo de maneiras controladas, a música dá os

⁹ Trata-se do termo aplicado por Décio Pignatari, “ouviver a música”.

meios para experimentarmos relações muito mais profundas do que as encontradas por nós no cotidiano (JOURDAIN, 1998, pg. 415).

A utilização da música certa seria o que pode ser considerado a ponte entre o designer e a criatividade. Cada momento vivenciado com a música resulta em uma percepção de quem a utiliza. E é o ato de entender que é importante querer perceber, que somará no resultado final da percepção que o designer tem de sua utilização. Nas palavras de Ostrower,

Cabe entender a percepção como um processo altamente dinâmico e não como mero registro mecânico de algum estímulo. Dinâmico, no amplo sentido da palavra, de forças em atividade. Nós participamos ativamente da percepção em vez de apenas estarmos passivamente presentes (OSTROWER, 1999, pg. 25).

Ou seja, a música só passará a assumir o papel de ferramenta estimulante a partir da aceitação e percepção que o indivíduo tenha da mesma. Caso contrário, ela será apenas música.

No próprio ato de aceitá-la como instrumento do estímulo criativo, já se percebe a ação criativa. Na medida em que o designer de moda se permite experimentar a fim de obter resultados, ainda que aparentem negativos, ele estará exercendo o ato criativo. Inventando novas formas de criar, novas possibilidades de percepções e novas perspectivas profissionais.

Não se trata de ouvir alguma determinada música e ficar esperando que uma idéia brilhante caia do céu. A proposta é ouvir e sentir a música de forma consciente, tentando se desprender inicialmente da vontade de criar, mas compreendendo que esse é o objetivo central da iniciativa.

Esse tipo de atitude permite ao designer uma maior interação consigo mesmo, através da relação de estímulos externos que receberá ao escutar uma música. Então, se anteriormente foi identificado que o homem é um ser que está constantemente criando, cabe a ele detectar a melhor forma de buscar resultados positivos através deste instrumento. E em seguida, reconhecê-los como “pré-criativos”, como menciona Predebon: “Nossa criatividade, que vem do interior, também pode ser induzida pelo exterior, ao se adotar padrões de comportamento pré-criativos” (PREDEBON, 2006, pg. 122). Ou seja, aguçar a percepção e estar aberto a vivenciar novos métodos de estimular a criatividade.

Caminhos metodológicos

A aplicação do estudo de caso desenvolvido em sala de aula consistiu em três etapas. Na primeira, após explicação da pesquisa à turma, iniciou-se uma atividade de produção criativa, à qual seria normalmente ministrada pelo professor da disciplina naquele dia. Na segunda etapa, após aproximadamente 20 minutos do início da atividade, foi introduzida a música com som ambiente e mantida até o final da atividade (aproximadamente 40 minutos). Na terceira e última etapa, após o término da atividade, os alunos responderam a um questionário.

O questionário respondido nesta última etapa de pesquisa foi dividido em três partes, sendo a primeira uma explicação resumida do projeto e o direito do pesquisado recusar a qualquer momento a sua participação na pesquisa, como também a garantia de não ser identificado. Uma segunda parte que consiste em perguntas sobre música e criatividade no dia-a-dia do pesquisado. E uma última parte com perguntas referentes ao estudo realizado em sala de aula.

Para seleção musical, foi necessária a utilização de um repertório neutro, no qual agradasse a maioria dos pesquisados, levando em consideração que as pessoas possuíam diferentes gostos musicais. Desta forma, as músicas que foram utilizadas são conhecidas, de períodos variados e pertencentes a compositores importantes no contexto musical nacional. Por fim, sempre era introduzida a música clássica de grandes compositores.

Todas as aulas escolhidas para aplicação dessa pesquisa de campo tinham uma relação estreita com a criatividade, demonstrando depender dela para o seu bom resultado. Assim, as aulas que possibilitaram a execução desta pesquisa foram as seguintes: Ilustração, com 21 alunos; Desenho de Moda, com 15 alunos e Laboratório de Processos Criativos, com 05 alunos.

Resultados

Todos os 41 participantes responderam ao questionário. Foi verificado que a utilização da música na vida cotidiana dos 41 pesquisados é muito freqüente, sendo que a utilização diária ocorre em 88 % (36 pessoas), enquanto o uso algumas vezes por semana foi relatado por 12 % (05 pessoas).

Quando questionados sobre facilidade para criar no seu dia-a-dia, 28 pessoas (68 %) responderam ter facilidade, enquanto 32 % (13 pessoas) referem ter dificuldade para criar. A necessidade de silêncio no momento da criação foi relatado por 10 pesquisados (24%), enquanto 76% (31 pessoas) não necessitam do silêncio.

Quando questionados se já experimentaram a música como estímulo à criação, 80 % (33 pessoas) afirmaram que sim, enquanto 08 pesquisados (20 %) nunca utilizaram. Contudo, dos que já utilizaram (33 pessoas), em 29 (88%) houve melhora no processo criativo, enquanto em 12% (04 pessoas) a música não afetou a sua criação. Nenhum pesquisado referiu piora.

No início da aula, 20 pesquisados (49%) qualificaram sua criatividade como ótima ou boa naquele momento, enquanto 51 % (21 pessoas) referem estar regular ou ruim. Contudo, ao término da aula observou-se uma modificação com 35 pesquisados (85%) referindo sua criatividade como ótima ou boa, contra 15 % (06 pessoas) classificando como regular ou ruim. A música foi um estímulo agradável para 98% dos pesquisados, sendo relatado como não agradável apenas por um pesquisado. Quando questionados sobre se a música os desconcentrou no processo de criação em sala de aula, 03 pesquisados (7%) responderam que sim.

Por último, quando perguntado como a música afetou seu processo criativo naquele momento em sala de aula, 05 pesquisados (12%) referem ter sido indiferente, enquanto 88% (36 pessoas) relatam melhora, sendo que nenhum pesquisado refere piora.

Fazendo uma análise por dois subgrupos, os que referem ter facilidade para criar (28 pessoas) e os que têm dificuldade para criar (13 pessoas) encontramos os resultados abaixo.

No subgrupo que têm facilidade para criar, 89 % (25 pessoas) referem melhora do processo criativo com a música em sala de aula, enquanto em 03 pesquisados (11%) a música não afetou. Analisando os que têm dificuldade para criar, a música foi um estímulo positivo em 85 % (11 pessoas) enquanto 02 pesquisados (15%) referem não ter afetado. Os gráficos 1 e 2 mostram a diferença entre a qualificação da criatividade no início e final da aula nos dois subgrupos.

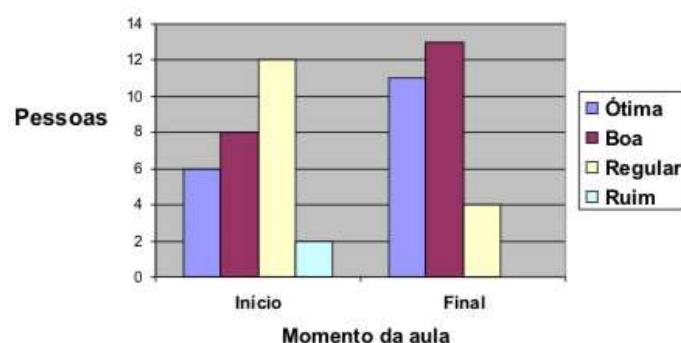


Gráfico 1. Subgrupo dos que têm facilidade para criar.

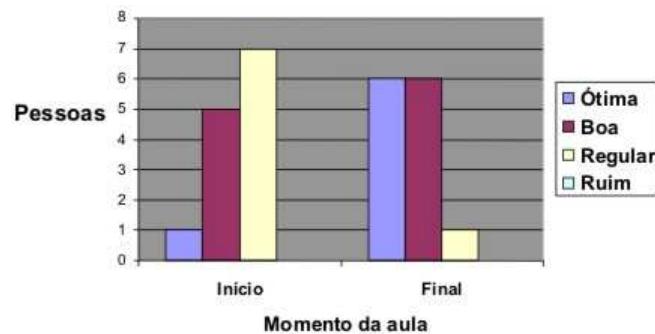


Gráfico 2. Subgrupo dos que têm dificuldade para criar

A utilização do silêncio no momento de criar tem porcentagem de 18% (05 pessoas) no subgrupo com facilidade para criar, sendo que essa porcentagem sobe para 39 % (05 pessoas) no subgrupo que têm dificuldade para criar.

Discussão

Sabe-se que o processo criativo é algo complexo e apesar de exaustivamente estudado, continua sendo motivo de divergências e incertezas sobre seu conceito e como ele ocorre no ser humano. Alguns autores, como Kneller (1978) e Predebon (2001), encontram resposta a partir de observações do comportamento humano e estudos antropológicos. Enquanto outros como, Pereira; Rocha; Silveira (2005) e Estrada (1992) buscam explicar através da ciência mostrando as alterações orgânicas, em sua maioria cerebrais, para o ato de criar. A música, por sua vez, também apresenta uma definição complexa, mas não tanto quando comparada com a criatividade. Sua influência na sociedade vem sendo mostrada desde os primórdios da humanidade. O seu poder de acalmar, estimular e curar já foi evidenciado por muitos estudiosos.

Contudo, apesar dessa interação da música com a criatividade no sentido de estimulá-la parecer um campo muito promissor, quase não existem trabalhos que mostrem essa união. Possibilitando apenas uma análise por comparação entre trabalhos feitos de forma independente nas duas áreas.

Na presente pesquisa essa interação foi estudada e possibilitou alguns resultados estimulantes.

Quando questionados sobre a facilidade para criar no seu dia-a-dia, encontramos um resultado de certa forma surpreendente, pois 28 pessoas (68%) responderam ter facilidade para criar, enquanto 13 pessoas (32 %) referem ter dificuldade para criar. E essa foi uma resposta inesperada, pois o processo de criação, além de complexo não é uma atividade fácil, considerando ainda que esse resultado diverge da literatura. Contudo, sua explicação pode estar no fato da pesquisa ter sido realizada em um grupo de estudantes que já estão naturalmente estimulados, sem pressões financeiras sobre seu trabalho e de certa forma ansiosos pelas aulas de criação.

Outro ponto que tem valor na resposta anterior é que foram encontrados dois subgrupos que serão analisados neste trabalho: o subgrupo dos que dizem ter facilidade para criar (subgrupo facilidade para criar - 28 pessoas) e o dos que dizem ter dificuldade para criar (subgrupo dificuldade para criar - 13 pessoas). Essa análise segmentada do grupo será muito importante, pois o subgrupo dificuldade para criar é o que pode evidenciar melhor o uso da música como estímulo ao processo de criação.

O grupo também foi questionado se já utilizou alguma vez a música como estímulo à criatividade em sua vida cotidiana. O resultado mostra que 80 % dos pesquisados já utilizaram, e sobretudo com resposta positiva ao estímulo criativo. Pois, dos que já fizeram uso (33 pessoas), em 29 delas (88%) houve melhora da criatividade, enquanto 12% (04 pessoas) referem não ter afetado a criatividade. Não houve relato de piora com a música. Esse resultado mostra que fora do ambiente acadêmico a resposta à criatividade com o estímulo da música também é favorável, e de forma muito significativa demonstra que a música não exerce efeito negativo sobre a criatividade.

Observou-se que a necessidade do silêncio para criar ainda é fator importante entre alguns dos pesquisados. Pois, quando o grupo foi questionado sobre a necessidade do silêncio para criar, o resultado foi que 24% (10 pessoas) ainda consideram o silêncio fundamental para criação, e quando analisados por subgrupo nota-se que esse valor sobe para 39% no subgrupo dificuldade para criar. Esse resultado mostra que ainda existe uma barreira à utilização da música.

Analizando o grupo no início da aula, quando ainda não havia música, detectamos que a criatividade foi classificada como ótima ou boa por 49% (20 pessoas), sendo que esse percentual sobe para 85% (35 pessoas) após a introdução da música. Ou seja, é evidente que o benefício da música foi muito grande, e esse resultado demonstra de forma clara que a mesma influenciou positivamente o grupo analisado nesta pesquisa.

Fazendo uma análise individualizada dos pesquisados apresentados nos gráficos dos dois subgrupos, encontramos 03 pessoas do subgrupo facilidade para criar e 02 do subgrupo dificuldade para criar referindo que a música não afetou sua criatividade em sala de aula. Contudo, essa análise individualizada mostra que apesar da resposta não ter sido positiva ao estímulo, os 05 responderam que a introdução da música foi agradável e nenhum deles refere ter desconcentrado. Outro fator importante foi que nenhum referiu piora da criatividade com a música, e isso mais uma vez contribui para mostrar que esse estímulo pode ser tentado sem preocupação com “perdas”.

O resultado sobre a necessidade do silêncio para criar, comentado anteriormente, mostra que a música é um campo ainda inexplorado por muitos profissionais de criação. Entretanto, através desta análise ficou comprovado que ela exerceu melhora na criatividade e foi positiva à maioria dos pesquisados. Assim, quando perguntado se a música foi agradável e/ou os desconcentrou em sala de aula, o resultado demonstrou que apenas um pesquisado (2%) respondeu que a música foi desagradável, e três (7%) referem ter desconcentrado com a música. Esse resultado mostra que a utilização da música como estímulo deve ser tentado por todos, pois a possibilidade de uma resposta positiva é muito superior ao de ser indiferente ou negativa. No entanto, deve ser salientado que obviamente podem existir os que não serão beneficiados com o seu uso, porém pelos nossos resultados, em quantidade muito pequena.

Conclusão

A música mostrou-se um estímulo positivo, seguro e eficaz para o processo criativo dos alunos pesquisados neste trabalho. Ocorrendo principalmente no subgrupo de estudantes que referem ter dificuldade para criar, o que favorece de forma significativa os resultados. Devido aos baixíssimos efeitos negativos com a música, o seu uso deve ser estimulado e experimentado tanto em sala de aula como também pelos profissionais da área de criação.

Considerações finais

Diante do estudo dos aspectos abordados, dos referenciais teóricos e tendo em vista o resultado positivo da pesquisa de campo, foi possível perceber que de fato a música é uma ferramenta de grande importância no processo criativo humano. Desta forma, todas as inferências feitas desde o conceito de música e as suas relações com o homem, passando por

criatividade e a sua participação na vida humana, e terminando com o estudo de caso, esteve pautada na certeza de que seus resultados contribuiriam para uma melhora nas atividades criativas do designer de moda.

Estar envolvido em um processo de criação não é uma tarefa tão simples quanto possa parecer, requer dedicação, persistência, vontade, e uma visão diferenciada. Sobretudo porque estamos falando de algo novo, ainda que só para quem a crie. Contudo, depender da criatividade para uma sobrevivência profissional a torna mais difícil ainda, porque envolve compromissos financeiros, prazos a cumprir e projetos a desenvolver. Esses fatores que de alguma forma possam vir a bloquear a criatividade do designer, estarão sempre presentes em sua existência profissional. Portanto, a busca por caminhos alternativos, capazes de aproximá-lo da criação é fundamental, e a música em todo o momento de desenvolvimento dessa pesquisa mostrou-se bastante promissora e capaz disso.

Através da observação em campo tornou-se possível perceber como a música foi agradável e estimulante nas atividades aplicadas em sala de aula. Então, por que não ser utilizada como hábito nesse período de aprendizagem acadêmica? Isso sem dúvida faria com que cada aluno se conscientizasse da importância de encontrar métodos ao estímulo de criar. Afinal, depois de formados, todos passarão por pressões do mercado de trabalho, como vimos anteriormente, e perceberão que a criatividade não é algo tão fácil quanto eles imaginavam.

No entanto, é óbvio que cada indivíduo responderá a cada processo criativo de forma única e individual e que, ainda deve ser levado em consideração o grau de entrega de cada um, mas a música possibilita a reflexão humana, o encontro com o seu interior. E se criar é extraír as características e a personalidade de si próprio, consideremos então, a música como fundamental para a criatividade. Ou seja, descobrir-se e conhecer os possíveis atalhos do processo criativo vai depender da disponibilidade de entrega de cada profissional. Nenhum processo criativo pode ser entendido ou estimulado se antes não há um conhecimento de si próprio; nenhum processo está desvinculado dos métodos utilizados por quem o inicia.

Quando criamos, moldamos, damos formas as coisas, e de certo modo transmitimos através delas um pouco de nós, seja na vida profissional ou pessoal. Portanto, criar é doar-se de forma natural e espontânea, mas sempre consciente de que essa mudança e busca constante por algo novo, dependerá exclusivamente de quem a coloca em prática. Então, conhecer-se se torna também fator considerável dentro desse contexto. Saturnino de la Torre já afirmava que:

A criatividade não é algo que está em nós, como parte da pessoa; é a projeção da pessoa inteira, com suas tendências, inclinações, tensões, temores, crenças, expectativas e toda aquela carga emocional que nela está contida. Logicamente, as vertentes cognitiva e volitiva também são essenciais. A criatividade é um processo da personalidade (TORRE, 2005, pg. 103).

E é essa percepção que cabe a cada designer de moda. Compreender as infinitas possibilidades que existem em desenvolver a criatividade, mas sempre dando maior ênfase ao processo criativo do que a seu resultado. Por isso, a proposta desse trabalho esteve enraizada na certeza de que é no processo que está a importância do seu produto final. É ele que permitirá uma relação de confronto do indivíduo consigo mesmo. Através do processo o designer descobrirá os melhores caminhos a serem seguidos, as melhores decisões a serem tomadas e as melhores músicas a serem utilizadas. Mas, sem dúvida esse estímulo pode e deve ser iniciado na formação, onde ele estará conhecendo os meios para poder caminhar com suas próprias pernas quando se profissionalizar.

Referências Bibliográficas

- BONTEMPO, Márcio. **Medicina natural**: musicoterapia, geoterapia, fisiognomia. Guia prático nova cultura. São Paulo: Nova cultura Ed., 1992.
- ESTRADA, Rodríguez Mauro. **Manual de criatividade**: os processos psíquicos e o desenvolvimento. Tradução de Hildegard Asbach. São Paulo: Ibrasa, 1992.
- GIMARÃES, Telma. **Criatividade e inovação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
- GOLEMAN, Daniel; KAUFMAN, Paul; RAY, Michael. **O espírito criativo**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix Ed., 1992.
- JOURDAIN, Robert. **Música cérebro e êxtase**: como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- KNELLER, George Frederick. **Arte e ciência da criatividade**. 15^a ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MORAES, J. Jota. **O que é música**. (Coleção primeiros passos, 80). São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Senac ed., 2005, pg. 223-279.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criações artísticas**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 22^a ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, Rodolfo; ROCHA, Silvia; SILVEIRA, Isabella. **Criatividade e modelos mentais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

PINHEIRO, Marisa; SILVA, Lazara. No silêncio dos sons: Música e surdez: construindo caminhos. **Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 27, p. 169-182, jan./jun. 2007.

PREDEBON, José. **Criatividade hoje**: como se pratica, aprende e ensina. 2^a ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PREDEBON, José. **Criatividade**: abrindo o lado inovador da mente: um caminho para o exercício prático dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TORRE, Saturnino de la. **Dialogando com a criatividade**: da identificação à criatividade paradoxal. Tradução de Cristina Mendez Rodríguez. São Paulo: Madras, 2005.

Data de Recebimento: 20/03/2010

Data de Aceitação: 03/05/2010